

Apropriação dos Mitos no Diálogo Êutifron

Flávio Clementino da Silva (UFMG)

Orientador: Prof. Marcelo Pimenta

“A Imaginação é mais importante do que o conhecimento”
EINSTEIN.

“Também o amante do mito é de algum modo filósofo”
ARISTÓTELES.

1 - Introdução

Geralmente quando nos referimos ao mito, principalmente na poesia, estamos nos remetendo, na maioria das vezes, a relatos que tratam de grandes feitos heróicos considerados freqüentemente como fundamento para uma determinada comunidade. Os mitos podem tratar dos mais diversos assuntos, desde “explicações” de fenômenos naturais até questões relativas à alma humana. São numerosos, variados, podem ser encontrados nas obras poéticas (epopéias, tragédias e comédias) e sofrem contínuas alterações pela imaginação popular, ao longo dos séculos. Eles são também extremamente utilizados pelos filósofos e constituem presença marcante na argumentação filosófica, em particular nos diálogos platônicos.

Segundo Droz, no seu livro *Os Mitos Platônicos*¹, podemos encontrar cinco diferentes formas², diferentes características, na utilização dos mitos no conjunto da obra platônica. Geralmente são utilizados de forma irônica ou, muitas das vezes, para serem criticados e servindo de “ pano de fundo” para uma crítica à tradição grega. Assim sendo, verificamos uma atitude complexa e oscilante por parte de Platão em relação aos mitos.

Fato esse que justifica um estudo mais aprofundado de cada passagem separadamente e, nesse sentido, relacionando-a com o contexto da obra. Neste caso, tomaremos o diálogo *Êutifron* como base.

2 – O problema de Êutifron

Como sabemos, Platão foi, entre os gregos, um grande crítico da escrita, e no entanto, foi um dos que mais escreveu, o que parece ser contraditório; mas temos que observar que Platão opta por escrever na forma de diálogo, para manter uma proximidade maior com a tradição oral e, da mesma forma, com o gênero literário predominante na sua época, ou seja, a poesia trágica. Assim sendo, seus textos teriam uma proximidade com o modo no qual as discussões e argumentações eram feitas na sua época.

A maior parte dos diálogos de Platão traz Sócrates como principal personagem e um outro interlocutor que raramente aparece em destaque. Nesses textos, Sócrates direciona suas perguntas ao outro, ou outros interlocutores que são, mais cedo ou mais tarde, levados a cair em contradição. Nesses diálogos é sempre o interlocutor de Sócrates que aparece com um saber. É uma pessoa que sabe algo, tal como no diálogo *Êutifron*, por exemplo, no qual temos Êutifron (personagem), que afirma saber a opinião dos deuses sobre a piedade. É nesse ponto que veremos uma argumentação socrática no sentido de verificar a legitimidade da pretensão deste saber.

O que você faria se de repente se visse testemunhando um crime com vítima fatal? Provavelmente comunicaria às autoridades? E se o criminoso fosse um conhecido? Um parente próximo? As coisas se dificultariam um pouco. E se fosse seu pai? Aí sim a história mudaria seu rumo. E para complicar mais a situação vamos nos situar na época em que viveram Sócrates e seus discípulos, Atenas, final de Séc IV a.C. onde era de extrema importância para o cidadão a participação na política e nas coisas diretamente relacionadas à cidade. Impasse difícil de ser resolvido. Como denunciar uma pessoa que acaba de cometer um crime sendo essa pessoa seu pai? E como defendê-la, sabendo que dessa forma você estará agindo de forma contrária à lei?

Pois é exatamente esse o problema que enfrenta Êutifron, interlocutor de Sócrates.

É nesse diálogo que Sócrates toma conhecimento da acusação que Meleto, Anito e Lícon levantaram contra ele. Sócrates vai até o Pórtico para fazer um pré-depoimento onde se encontra com Êutifron, um adivinho que

pretende possuir alguns conhecimentos sobre os deuses, com quem inicia mais um de seus diálogos.

Embora o motivo que leva Sócrates até o Pórtico seja uma acusação, esse diálogo nada ou quase nada pode nos acrescentar a esse respeito ao tratarmos de fatos históricos, pois aqui não encontramos nenhuma referência histórica, muito menos datas. Porém, o assunto tratado está na raiz do problema em que se encontra Sócrates. Como nos é sabido, a acusação que o leva à pena capital é de *impiedade* e de *corromper os jovens da cidade*. E, nesse diálogo, embora termine em aporia, podemos perceber indicações sobre o que é ser piedoso na concepção socrática.

Êutifron acusa seu pai de ser culpado de um assassinato ocorrido na fazenda da família, onde um trabalhador, após uma briga, acaba sendo morto por outro escravo. Seu pai, ao saber do acontecido, amarra esse escravo e o joga dentro de uma vala até saber o que fazer com ele. Depois de ficar no frio e passar fome, acaba morrendo, crime pelo qual seu pai está sendo culpado.

Com certeza Êutifron tinha algumas obrigações que devia a seu pai simplesmente pelo fato de ser seu filho. No entanto, ele também devia obrigações à cidade enquanto cidadão e devia fazer justiça, mas o que fazer nessa ocasião? Seguir a justiça e levar seu pai ao julgamento ou deixar essa questão de lado por se tratar de seu pai? Com certeza, a relação afetiva entre Êutifron e o pai era mais forte do que a de Êutifron e o escravo, mas mesmo assim iria acusar seu pai sem hesitar.

2.1 – A dúvida de Sócrates e o saber de Eutífron

Na verdade, um filho acusar o pai de homicídio não era um ato comum. No entanto, Êutifron afirma estar agindo da melhor forma possível aos olhos dos deuses. Espantado com toda essa firmeza, Sócrates pergunta a Êutifron se ele não se importa em cometer algum tipo de crueldade contra seu pai, ao mover tal processo, como grande conhecedor da opinião dos deuses a respeito do que é ou não ser piedoso, e tem a seguinte resposta:

“... assim, Sócrates, eu não teria utilidade alguma e não me distinguiria dos mais comuns dos homens”³

Logo após essa afirmação, Sócrates inicia, com sua apurada argumentação, uma investida sobre o que é ser ímpio ou piedoso. E, logo no início, depara-se com as seguintes palavras de Êtífron:

“Digo que é piedoso isso mesmo que farei agora, pois em se tratando de homicídios, roubos, sacrilégios ou qualquer outro crime, a piedade impõe o castigo do culpado, seja este pai, mãe ou outra pessoa qualquer; não agir assim é ímpio”⁴

Agir assim, segundo Êtífron, é a melhor coisa possível a se fazer no momento, e não é em vão que diz tal coisa. Êtífron utiliza como base um dos elementos mais importantes presentes no texto para nós nesse momento. Ele refere-se a Cronos e a Zeus, pois ambos subjugarão seus respectivos pais para se verem livres de uma pena posterior.

2.2 - O mito – Cronos e Zeus

Como podemos observar no texto, Êtífron aponta para um episódio aparentemente incontestável. Ele relembra uma pequena parte das narrativas que Hesíodo nos apresenta em sua *Teogonia*⁵

Dos deuses primordiais, primeiro nasce Caos, depois Terra que, por sua vez, gera igual a si mesma, Céu. Do amor desses dois últimos nasce, dentre muitos outros, os Titãs, Oceano, Jápeto e Cronos. A cada momento que nasce um filho, Céu o obrigava a se esconder nas entranhas da terra, impedindo-o de vislumbrar a luz. Dessa forma se fez a cada um que nascia, sem saber que seu “reinado” estava prestes a se esfacelar.

Como de costume, Céu, ao fim de cada tarde, descia junto com a noite, ávido de amor para se envolver com a Terra, deitando-se sobre ela. Num desses dias, após a mãe Terra ter dado a Cronos, seu filho mais novo, uma foice, esst, com a ajuda de seus irmãos, pega seu pai de surpresa e o castra com apenas um golpe e, imediatamente, lança ao mar seu órgão genital juntamente com seu sêmen e seu sangue. Estava feita a vingança, iniciando-se assim a série de parricídios que terminaria apenas com Zeus.

Cronos, com medo de que seu fim fosse o mesmo de seu pai Céu, engole, logo após o nascimento, todos os filhos que sua mulher Réia lhe dava. Um belo dia, sua esposa o engana, trocando seu filho por uma pedra, salvando assim, aquele que lhe sucederia, Zeus, que, por sua vez, teve toda

sua criação na clandestinidade e, ao alcançar a maioria, desafia seu pai. Cronos é derrotado tal como este havia feito com o seu pai, Céu. Zeus, por sua vez, teria também seu poder ameaçado por um filho, mas foi um pouco mais precavido. Após se apaixonar por uma grande conhecedora dos segredos da *physis*, Métis, casa-se com ela, mas o casamento dura pouco tempo, pois Zeus, sabendo que essa mulher lhe daria um filho e que este dominaria todo o universo, acaba devorando-a juntamente com o filho que trazia no ventre. Transfere, assim, para si todo o conhecimento do bem e do mal que Métis possuía, livrando-se então na sucessão de gerações divinas.

2.3 – Platão contra o mito (Cronos e Zeus)

Alguns dos filhos, descontentes com as ações de seus pais, acabam por “julgá-los” e “condená-los”. O caso vivido por Êtífron no texto platônico é semelhante. Embora todos se mostrassem insatisfeitos com sua ação, ele apenas repetira o que os deuses fizeram.

Seria passível de punição essa ação de Êtífron de querer punir seu pai assim como Zeus e Cronos fizeram? O que temos aqui é muito importante. Não é simplesmente uma apropriação argumentativa do mito, mas sim uma ação humana sendo espelho de uma ação divina. É o uso dos mitos para justificar a ação de um filho contra o próprio pai, uma imagem sendo utilizada para legitimar uma ação que é, aparentemente, incoerente.

Podemos ver claramente que o mito de Céu, Cronos e Zeus é empregado a fim de justificar a acusação que Êtífron faz contra seu pai, mas o fato de Platão, mesmo que indiretamente, criticar essa acusação, não significa, simplesmente, que não concorde com ela.

Como sabemos, Platão foi talvez o que mais se empenhou para tirar dos poetas a função de educadores.

“Platão, no começo do século IV, na *República*, incrimina a poesia em geral e Homero, investe não contra uma obra fixada num livro ou um texto escrito para filólogos, mas contra o fundador de uma *paidéia*, de um sistema cultural mais ou menos concebido como uma enciclopédia do saber coletivo, transmitido pela boca e pelo ouvido, executado musicalmente e memorizado com a ajuda de fórmulas ritmadas”⁶

2.4 – Platão contra o mito (contra o Poeta)

No entanto, uma crítica ao recurso do mito por parte de uma personagem pode ser entendida como uma crítica direta àquele que conta o mito. Podemos analisar o confronto direto entre Êutifron e Sócrates da seguinte forma: Êutifron pode ser visto como a pessoa que relembra o mito e tenta agir da mesma forma e Sócrates, como aquele que faz uma espécie de “revisão” da situação. Ele tem uma visão mais crítica, ou seja, coloca a impossibilidade de um filho julgar o próprio pai, contradizendo totalmente o que nos é ensinado pelo mito, ou seja, pelo poeta. É uma “guerra” travada pelo *lógos* – Sócrates – e o mito – Êutifron -, porém uma guerra nada sangrenta, digamos assim, pois Sócrates em momento algum ataca o mito de frente. Ele vai usar de toda a sua astúcia, toda a sua dialética, sempre fazendo seus debatedores caírem em contradições, provocando indignação e frustração em todas as pessoas.

Devemos seguir as leis dos deuses ou seguir as leis dos homens?

Pode-se ver Platão, mesmo que indiretamente, fazendo uma crítica às representações referentes aos deuses veiculadas pelos poetas. É uma proposta de uma nova visão do divino. Não a visão que os poetas oferecem ao narrar cenas nas quais os deuses nos enganam, são incestuosos, fazem brincadeiras e provocam desavenças entre os homens, mas sim deuses nos quais podemos confiar e que podem apenas ser fonte de coisas boas. Êutifron, ao justificar sua ação - acusar seu pai de assassinato - tendo em vista um exemplo divino, na verdade, está dando bases para Platão criar e sustentar sua crítica em relação ao uso que os poetas fazem dos deuses e ao resultado que essa visão deformada do divino pode causar na cidade. Como, por exemplo, um filho acusar seu próprio pai.

Para exemplificar melhor essa questão entre o divino e o homem podemos lembrar ainda o dilema vivido por Antígona, personagem de uma das tragédias de Sófocles, que se encaixa na situação vivida por Êutifron: a contraposição de leis divinas e dos homens. Antígona choca-se de frente com a lei promulgada por Creonte, atual rei de Tebas, sucessor de Édipo, que impede que ela faça as honras fúnebres para seu irmão, morto na guerra.

Édipo chega a ter quatro filhos: Polínicos, Etéocles, Antígona e Esmena. Ao saber de toda a sua história e depois de se sentir culpado pelo suicídio de Jocasta, viúva do rei Laio, Édipo fura seus próprios olhos e fica

em Tebas até que seus filhos possam partilhar de seu reino. Após uma briga entre os dois filhos de Édipo, Polínicos, o mais velho, acaba sendo expulso

da cidade e vai para Argos, cidade inimiga de Tebas, e deixa a cidade para seu irmão. Ao chegar em Argos, Polínece casa-se com a filha de Adrasto e comanda um exército para invadir Tebas a fim de tomar seu lugar por direito. Nessa guerra os dois irmãos acabam se matando, cabendo a Creonte, irmão de Jocasta, o lugar de rei de Tebas. Creonte, indignado com a traição de Polínice, impede que as honras fúnebres sejam feitas a ele e ordena que deixem o seu corpo ao tempo, para que sirva de comida para os animais e as aves.

É esse o conflito que Antígona enfrenta, um conflito entre lei natural e lei humana (interpretação de Hegel, *Estética* II 2.1). Qual delas, pergunto novamente, devemos aceitar e apoiar?

ANTÍGONA⁷

“...essas [leis] não [foi] Zeus [quem] as promulgou, nem a Justiça, que coabita com os deuses infernais, estabeleceu tais leis para os homens. E eu entendi que os teus éditos não tinham tal poder, que um mortal pudesse sobrelevar os preceitos, não escritos, mas imutáveis, dos deuses. Porque esses não são de agora, nem de ontem, mas vigoram sempre, e ninguém sabe quando surgiram. Por causa das tuas leis, não queria eu ser castigada perante os deuses, por ter temido a decisão de um homem. Eu já sabia que havia de morrer um dia - como havia de ignorá-lo? - mesmo que não tivesse proclamado esse édito. E, se morrer antes do tempo, direi que isso é uma vantagem. Quem vive no meio de tantas calamidades, como eu, como não há de considerar a morte um benefício? E assim, é dor que nada vale tocar-me este destino. Se eu sofresse que o cadáver do filho morto da minha mãe ficasse insepulto, doer-me-ia. Isso, porém, não me causa dor. E se agora te parece que cometi um ato de loucura, talvez louco seja aquele que como tal me condena”⁸

Antígona acaba por fazer a mesma escolha feita por Êutifron. Independente das relações entre os homens e suas leis, o mais importante é seguir as leis divinas para, depois da vida, não ser castigado pelos deuses.

Antígona acaba por desrespeitar a lei promulgada por Creonte e paga com a vida esse desrespeito.

3 – Conclusão

Em termos cronológicos, a *República* de Platão é posterior ao diálogo *Eutífron*, mas se a cidade ideal pensada por Platão estivesse em vigor, nada disso teria ocorrido. Platão, ao fazer os esboços de sua cidade ideal e justa, servindo de contraste para a cidade real, diz ser necessário fazermos um tipo de “filtro”, uma censura a tudo aquilo que os poetas nos ensinam. Segundo ele é necessário censurarmos os poetas quando

“... fazem uma descrição errônea da natureza dos deuses e dos heróis, à maneira do mau pintor, cujo trabalho em nada se parece com o original...”

Platão considera “a mais deslavada mentira no que diz respeito às atrocidades que Hesíodo atribui a Urano e a Cronos” (referindo-se ao mito). Esses mitos, ainda que verdadeiros, não deveriam ser contados com tanta leviandade. Existem mitos que, ao serem contados para jovens que ainda não possuem uma capacidade intelectual considerável, podem facilmente corrompe-los e criar problemas para a cidade. Um exemplo disso é a própria questão de Êutifron. Caso o mito de Cronos não fosse de nosso conhecimento, ele jamais teria bases divinas para acusar seu pai da forma como nos conta o diálogo. São esses os mitos e histórias contadas pelos poetas que Platão diz necessitar de um pouco mais da atenção daquele que pretende governar bem uma cidade.

Fazer uma distinção em Platão entre mito e *lógos* é um trabalho no mínimo frustrante, uma vez que podemos encontrar não uma distinção, mas sim uma constante mistura, ou seja, uma utilização racional do mito e uma presença constante da narrativa mítica no discurso racional. Podemos ver que é impossível extrair da filosofia de Platão a utilização dos mitos, uma vez que, ao necessitar de uma definição, uma indagação teórica, ele utiliza constantemente os mitos.

...the first of these is the fact that the ...
...the second is the fact that the ...
...the third is the fact that the ...
...the fourth is the fact that the ...
...the fifth is the fact that the ...
...the sixth is the fact that the ...
...the seventh is the fact that the ...
...the eighth is the fact that the ...
...the ninth is the fact that the ...
...the tenth is the fact that the ...

...the first of these is the fact that the ...
...the second is the fact that the ...
...the third is the fact that the ...
...the fourth is the fact that the ...
...the fifth is the fact that the ...
...the sixth is the fact that the ...
...the seventh is the fact that the ...
...the eighth is the fact that the ...
...the ninth is the fact that the ...
...the tenth is the fact that the ...

HESÍODO. Teogonia: A Origem dos Deuses. 3º ed. Ed. Iluminuras. SP, 1995. Trad. Jaa Torrano.

SÓFOCLES. A Trilogia Tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona. 2º ed. Ed. JZE. RJ, 1991. Trad. Mário da Gama Kury.

NOTAS

¹Droz. Os Mitos Platônicos, 1997.

²O mito como forma, narrativa fictícia; rompe com a demonstração dialética; não é um método para procurar a verdade; possui um sentido escondido e é portador de uma mensagem; possui um sentido pedagógico.

³ *Eutifron* 5a

⁴ *Eutifron* 5e - 6a

⁵Hesíodo, Teogonia, (versos 155-190 <Céu e Cronos> e versos 455-490 <Zeus>).

⁶ Detienne. A Invenção da Mitologia, 1992 (pg. 48 cap. III).

⁷Referindo-se à proibição feita por Creonte

⁸Sófocles, A Trilogia Tebana (...), 1990 (versos 446-472).

⁹Protágoras, a princípio, aposta que sim, contrário a Sócrates que pensa que a virtude não pode ser ensinada

¹⁰ *Protágoras* 320c 322d